

Fraude na Saúde pode ser elo

BRASÍLIA — A Polícia Civil de Brasília requisitou ontem à Polícia Federal todos os inquéritos envolvendo fraudes na Fundação Nacional de Saúde (FNS). O objetivo é investigar a ligação desses crimes com os assassinatos do empresário Alcides Peres e do advogado Galba Menegale, mortos a tiros em Brasília no mês passado. O secretário de Segurança do Distrito Federal, general Gilberto Serra, revelou ontem que tem recebido, sigilosamente, documentos sobre as vidas pessoal e profissional das vítimas. Segundo o secretário, a polícia de Goiás já foi acionada para ajudar nas investigações.

A suspeita de que exista ligação entre as duas mortes e a máfia que controla as licitações do Ministério da Saúde foi reforçada com a revelação das fitas obtidas em 1993 pela Polícia Civil. A escuta foi montada para apurar a suposta participação de Leonilson Silva, gerente de uma empresa de táxi aéreo, em um esquema de narcotráfico e acabou revelando as atividades de Alcides na área da saúde. Alcides e Leonilson

tiveram várias conversas gravadas, nas quais tentam articular estratégias para manipular licitações.

Teresa Silva, mulher de Leonilson, disse ontem que as gravações foram forjadas. Em uma das fitas, ela aparece conversando com uma mulher, identificada como Lia, sobre a contratação de pistoleiros. Segundo a transcrição feita pela polícia, Teresa afirmou conhecer um matador do Maranhão “que o Sarney protege”. Ela termina a conversa dizendo que precisava mandar “fechar um”. Teresa afirmou ontem que as fitas são falsas, acusou a polícia de tentar envolver Leonilson no assassinato de Alcides Peres e negou conhecer alguma Lia. “A verdade não está nestas fitas”, argumenta.

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), se recusou até mesmo a comentar o suposto envolvimento do seu nome nas fitas. “Isto é história de fantasma, de alma do outro mundo. É ridículo”, reagiu seu assessor de imprensa, Fernando César Mesquita.

Vigia dá novas pistas

SÃO PAULO — O delegado Ivaneu Caires de Souza, do 78º Distrito Policial, divulgou ontem mais um retrato falado do assassino do empresário Fernando Iberê Nascimento, de 51 anos, e de seu filho Luiz Fernando Grava do Val Nascimento, 23, mortos a tiros na região dos Jardins, na capital, na sexta-feira. O segundo retrato falado — sem o chapéu e sem os óculos da primeira versão — foi desenhado a partir da descrição de uma testemunha.

A testemunha, a terceira a depor na delegacia, é um vigia de uma construção que fica perto do local do crime, esquina das ruas Pamplona e Estados Unidos. O delegado disse que o vigia e mais duas testemunhas ouvidas anteriormente são capazes de reconhecer o criminoso. A polícia supõe que o assassino usou óculos e chapéu como disfarce, e, instantes depois de atirar no empresário, tenha se livrado deles.

“Não posso revelar detalhes sobre as investigações, porque ainda estou em campo e preciso ter a confiança da família”, afirmou Caires, depois de ouvir as testemunhas. O delegado conversou com a viúva do empresário e deverá ouvir hoje Luiz Felipe Grava do Val Nascimento, de 26 anos, que estava no carro do pai na hora do assassinato, mas não foi atingido pelos tiros. “Luiz Felipe está fora de si, mas, com a cabeça fria, poderá reconhecer o assassino”, informou o advogado da família, Leônidas Scholz.

Segundo o advogado, Fernando, que trabalhava como intermediário para cobrança de indenizações de terras desapropriadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Rondônia e no Pará, vinha recebendo ameaças de morte há três meses.